

MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO: uma discussão sobre as categorias centrais

Gisele Masson *

Resumo

O presente artigo apresenta as principais categorias que fundamentam o método materialista histórico e dialético desenvolvido por Marx, objetivando contribuir para a discussão metodológica da pesquisa em educação. Trata-se de tentar entender as dificuldades e desafios do estatuto teórico de obras marxianas e de autores que abordam tal concepção metodológica e que possibilitam compreender o sentido e a direção da educação no âmbito do modo de produção capitalista.

Palavras-chave: materialismo histórico e dialético, Marx, pesquisa em educação

Abstract

This paper presents the main categories which underpinning the dialectical and historical materialism method developed by Marx aiming at contributing to the discussion on the educational research methodology. It discusses the difficulties and challenges of the theoretical statute of Marx' work as well as of the authors who address this methodological conception which help to understand the meaning and direction of the education in the field of the capitalist mode of production.

Key words: dialectical and historical materialism, Marx, educational research

Todo trabalho de pesquisa requer o delineamento de um projeto e também a definição de um corpo teórico que possa orientá-lo, dar-lhe forma e significado. Muitos pesquisadores tratam do método reduzindo-o a um conjunto de regras que, ao serem aplicadas no processo de pesquisa, os levarão à obtenção dos resultados desejados. Assim, o método fica restrito à técnica, não promovendo a compreensão de uma concepção metodológica como corpo teórico integrado.

A concepção metodológica adotada não pode ser apreendida de forma dogmática, mas deve possibilitar uma reflexão sobre o próprio método, um questionamento dos seus fundamentos, bem como uma revisão crítica a partir do confronto com os problemas concretos que o trabalho de pesquisa apresenta. Contudo, em lugar do dogmatismo, muitos pesquisadores adotam a postura de que é melhor tomar o que cada doutrina tem de bom, passando-se a incorrer num erro ainda pior: o ecletismo. Assim, misturam-se teorias que resultam, conforme aceitação de Lefebvre (1991, p.229), numa "sopa eclética" bastante vulgar.

No presente texto busca-se explicitar o método materialista histórico e dialético, na sua ortodoxia, com o objetivo de contribuir na discussão acerca dos fundamentos que orientam tal abordagem, sem incorrer numa postura dogmática e nem eclética.

Um marxista ortodoxo sério poderia [...] rejeitar todas as teses particulares de Marx, sem, no entanto, ser obrigado, por um único instante, a renunciar à sua ortodoxia marxista. O marxismo ortodoxo não significa, portanto, um reconhecimento sem crítica dos resultados da investigação de Marx, não significa uma 'fé' numa ou noutra tese, nem a exegese de um livro sagrado. Em matéria de marxismo, a ortodoxia se refere antes e exclusivamente ao método." (LUKÁCS, 2003, p. 64)

Apesar da contribuição lukacsiana no sentido de demonstrar a importância do método, ele estabelece uma oposição entre método e conteúdo. É indubitável que toda teoria apresenta fatores contingentes e, por isso, algumas conclusões podem ser questionadas por conta das limitações temporais. De acordo com Mészáros (2002, p.397), Lukács "rompe a relação dialética inerente entre método e fundamento substantivo no qual se apóia [...]"

Dessa forma, quando optamos por uma concepção metodológica não podemos desconsiderar os postulados teóricos que lhe dão sustentação, pois nenhum princípio metodológico está "auto-sustentado de abstrações desencarnadas".

* Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa e doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: gimasson@uol.com.br.

Para compreendermos uma concepção metodológica podemos optar por vias distintas, dentre elas a via direta, que ocorre pela seleção dos textos do próprio autor que tratam especificamente do método; e a via indireta, que implica o estudo de toda a obra do autor a fim de perceber como ele constrói o pensamento. A compreensão do método marxiano poderá ser mais profunda se optarmos pelas duas formas, pois Marx trata especificamente do método, de maneira muito breve, na Introdução¹ da “Contribuição à Crítica da Economia Política” e no posfácio à segunda edição alemã de “O Capital”. Tais textos serão abordados a fim de explicitar o método materialista histórico e dialético de interpretação da realidade, com o objetivo principal de contribuir para desvelar o real e para uma possível modificação prática dessa realidade. Com isso não queremos dizer que a mera explicitação do método contribuirá para a transformação da realidade, porém sem a clareza dos fundamentos de um método para a explicitação da realidade torna-se mais difícil a tarefa de compreensão e transformação do real. Consideramos o método marxiano adequado, na medida em que nos possibilita compreender melhor as contradições da sociedade capitalista.

Na perspectiva materialista histórica, o método está vinculado a uma concepção de realidade, de mundo e de vida no seu conjunto. A questão da postura, neste sentido, antecede ao método. Este constitui-se numa espécie de mediação no processo de apreender, revelar e expor a estruturação, o desenvolvimento e transformação dos fenômenos sociais. (FRIGOTTO, 2001, p.77)

Dada a complexidade do tema, destacaremos, ainda, algumas contribuições de autores que tratam da questão. Vale sublinhar que a utilização do método desenvolvido por Karl Marx requer, além do entendimento do seu percurso metodológico, a compreensão da obra “O Capital”. Caso contrário, torna-se inviável para o pesquisador operar com tal concepção metodológica, já que essa obra possibilita perceber não só como Marx utiliza o seu método de investigação, mas, especialmente, como ele trabalha com o método de exposição. Além disso, devemos enfatizar a importância da não dicotomização entre conteúdo e método.

Marx assume a concepção materialista a partir do seu envolvimento com os problemas sociais da Alemanha, o que acontece de forma mais concreta quando passa a ser diretor do jornal Gazeta Renana (Rheinische Zeitung -1842), ocasião em que se en-

volve com a polêmica do roubo de madeira no vale do rio Reno. Nesse contexto, tem a oportunidade de questionar o modelo idealista hegeliano a partir da percepção dos problemas concretos da realidade na qual está inserido².

O método de pesquisa e pensamento que Hegel denomina de metafísico investigava as coisas como algo dado e fixo. Assim, a lógica dialética, inaugurada por ele, busca superar a lógica metafísica, com sua tendência a perceber os conceitos de maneira estática e separados uns dos outros, definindo isoladamente o sujeito e o objeto. “Com esse método metafísico, que define os seres e as idéias fora de suas relações e de suas interações, será muito fácil concluir que o conhecimento é *impossível*, quando na verdade, trata-se de *um fato!*” (LEFEBVRE, 1991, p.50, grifo do autor). Lefebvre (1991, p.53-54) esclarece que os idealistas elevam ao absoluto uma parte do saber adquirido e transformam tal parte numa idéia ou num pensamento misterioso que existe antes da natureza e do homem real. Por isso, para o autor, todo idealismo é metafísica, porém nem toda metafísica é idealista, já que algumas se caracterizam como materialistas. Engels, em “Anti-Dühring”, explicita como o metafísico trata do objeto de pesquisa:

Para o metafísico, as coisas e suas imagens no pensamento, os conceitos, são objetos isolados de investigação, objetos fixos, imóveis, observados um após o outro, cada qual de per si, como algo determinado e perene. O metafísico pensa em toda uma série de antíteses desconexas: para ele, há apenas o sim e o não e, quando sai desses moldes, encontra somente uma fonte de transtornos e confusão. [...] Preocupado com sua própria existência, não reflete sobre sua gênese e sua caducidade; concentrado em suas condições estáticas, não percebe a sua dinâmica; obcecado pelas árvores não consegue ver o bosque. (ENGELS, 1990, p.20-21)

Tomando consciência do movimento dos processos mentais presentes nos conhecimentos produzidos antes dele, Hegel o traduz em método. “A tomada de consciência da forma do movimento do pensamento conceptual tornar-se-á em Hegel o método que será a Dialética.” (SCHAEFER, 1985, p.68)

¹ “E em 23 de agosto de 1857 começa a escrever uma introdução à crítica da economia política que constitui o primeiro na data dos trabalhos originais, fruto das suas próprias pesquisas e cujo remate será O capital.” (Nota da edição francesa da Contribuição à Crítica da Economia Política, obra que foi publicada em 1859)

² “Em 1842, ao estudar na Rheinische Zeitung a legislação sobre roubos de lenha e a situação dos camponeses do Mosela, Marx foi levado a dar toda a devida importância às relações econômicas. Não é a vontade dos homens que dá ao Estado a sua estrutura, mas sim a situação objetiva das relações entre eles. Não é o aparelho jurídico que explica a sociedade burguesa, como queria Hegel; ele é apenas uma superestrutura e a sociedade burguesa encontra a sua explicação nas relações de propriedade.” (Nota da edição francesa da Contribuição à Crítica da Economia Política)

¹ “E em 23 de agosto de 1857 começa a escrever uma introdução à crítica da economia política que constitui o primeiro na data dos trabalhos originais, fruto das suas próprias pesquisas e cujo remate será O capital.” (Nota da edição francesa da Contribuição à Crítica da Economia Política, obra que foi publicada em 1859)

O modo dialético de pensar não procura nos objetos de sua investigação essências eternas, fixas e independentes. Se há uma essência na realidade objetiva ou subjetiva, esta é dinâmica, contraditória, relacional, ou seja o que for, contando que não imutável eterna, etc., como a vê a metafísica. (SCHAEFER, 1985, p.40-41)

Cheptulin (1982, p.180) destaca que:

Em oposição aos metafísicos que erigiram o isolamento em absoluto e negaram a correlação dos fenômenos da realidade, e também em oposição aos idealistas que deduzem a correlação da consciência, o materialismo dialético acredita que esta última é uma forma universal do ser, própria a todos os fenômenos da realidade.

Como o capital é contradição em movimento, não é possível compreender a sociedade na forma do capital sem um método que possibilite captar tal contradição, já que a realidade não se dá a conhecer de uma vez por todas, ou seja, está além da sua forma aparente.

Não se poderia dizer melhor que só existe dialética (análise dialética, exposição ou 'síntese') se existir movimento; e que só há movimento se existir processo histórico: história. Tanto faz ser a história de um ser da natureza, do ser humano (social), do conhecimento! É isso o que dizia (não sem de-negá-lo e re-negá-lo) Hegel; e o que Marx e Lênin repetem (comprovando-o, fazendo-o). A história é o movimento de um conteúdo, engendrando diferenças, polaridades, conflitos, problemas teóricos e práticos, e resolvendo-os (ou não). (LEFEBVRE, 1991, p.21-22)

A obra marxiana é uma pesquisa das relações econômico-políticas, por isso Marx dedicou-se ao conhecimento do homem nos planos sociológico, econômico e político. O enfoque não é idealista, como fora em Hegel, e sim materialista. O materialismo histórico e dialético origina-se dos fundamentos metodológicos hegelianos, ou seja, da dialética como método, a qual supera a lógica formal por incorporação, portanto não se reduz à lógica e também não se reduz a método de investigação. Marx busca desenvolver um método que possibilite captar a essência do objeto a ser investigado e, em sua obra "O Capital", afirma que a ciência seria supérflua se a aparência e a essência das coisas coincidissem. Destaca que as próprias ciências, exceto a economia política, reconheceram que as coisas apresentam uma aparência oposta à sua essência. Para a compreensão do método torna-se importante analisar as teses fundamentais do materialismo apli-

cado à sociedade humana e à história, formuladas por Marx no prefácio da obra "Contribuição à crítica da economia política" (publicada em 1859)³:

A conclusão geral a que cheguei e que, uma vez adquirida, serviu de fio condutor dos meus estudos, pode formular-se resumidamente assim: na produção social de sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o ser social que, inversamente, determina a sua consciência. (MARX, 2003, p.5)

Nesse texto podemos perceber a ênfase atribuída à estrutura econômica da sociedade como determinante da superestrutura, enfocando, assim, a importância do modo de produção da vida material como determinante da consciência do indivíduo, porém Marx não desconsiderou que mudanças na superestrutura podem contribuir para transformações na estrutura. Importa sublinhar que o ser é determinado em seu movimento, comportando um autodinamismo da natureza, por isso é determinado de modo não mecânico.

No posfácio à segunda edição alemã do volume 1 de "O Capital" (obra publicada em 1867), Marx explicita:

É, sem dúvida, necessário distinguir o método de exposição⁴ formalmente, do método de pesquisa. A pesquisa tem de captar detalhadamente a matéria, analisar as suas várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima. Só depois de concluído esse trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real. Caso se consiga isso, e espelhada idealmente agora a vida da matéria, talvez

³ A obra é um trabalho de 15 anos e, em 1857, Marx começa a sistematização do material e a escreve entre agosto de 1858 e janeiro de 1859.

⁴ Kozik (2002, p.37) alerta para o fato de que, apesar da afirmação de Marx, é comum ocorrer a equiparação do método de investigação ao método de exposição. Por isso esse autor apresenta os três graus do método de investigação para que não seja confundido com o método de explicitação: 1) minuciosa apropriação da matéria, incluindo todos os detalhes históricos aplicáveis; 2) análise de cada forma de desenvolvimento do próprio material; 3) investigação da coerência interna.

possa parecer que se esteja tratando de uma construção a priori. Por sua fundamentação, meu método dialético não só difere do hegeliano, mas é também a sua antítese direta. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de idéia, transforma num sujeito autônomo, é o demiurgo do real, real que constitui apenas a sua manifestação externa. Para mim, pelo contrário, o ideal não é nada mais que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem. (MARX, 1998, p.26)

O percurso do método de investigação é mais amplo, detalhado, e o método de exposição representa uma síntese da análise concreta que pode ser apresentada de forma seqüencialmente diferente do método de investigação, pois a forma de expor as conclusões de um estudo precisa ser minuciosamente bem elaborada, a fim de que os resultados sejam melhor compreendidos por outros indivíduos.

Marx enfatiza, no posfácio, que “a mistificação que a dialética sofre nas mãos de Hegel não impede, de modo algum, que ele tenha sido o primeiro a expor as suas formas gerais de movimento, de maneira ampla e consciente. É necessário invertê-la, para descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico.” (MARX, 1998, p. 27) Afirma que o ideal é determinado pelo material e que, para compreendermos o real na sua essência, torna-se fundamental a utilização do método materialista histórico e dialético.

Lukács (2003, p.371, grifo do autor) destaca que “a história não se manifesta mais como um acontecimento enigmático, que se efetua *sobre* os homens e *sobre* as coisas e que deveria ser explicado pela intervenção de poderes transcendentais ou tornar-se coerente pela referência a valores transcendentais (à história).” Segundo ele, a história é o produto das atividades dos próprios homens, contudo, a sucessão empírica de acontecimentos históricos não é suficiente para explicar e compreender a origem real de uma determinada forma de existência ou de um pensamento. Sendo assim, explicita:

E a história consiste justamente no fato de que toda fixação reduz-se a uma aparência: *a história é exatamente a história da transformação ininterrupta das formas de objetivação que moldam a existência do homem.* A impossibilidade de compreender a essência de cada uma dessas formas a partir da sucessão empírica de acontecimentos históricos não se baseia, portanto, no fato de que essas formas são transcendentais em relação à história, como julga, e assim tem de ser, a concepção burguesa que pensa por determinações isoladoras da reflexão ou por ‘fatos’ isolados, mas no fato de que essas formas singulares não estão imediatamente relacionadas nem na

justaposição da simultaneidade histórica, nem na sucessão de seus eventos. Sua ligação é mediada sobretudo por sua posição e função recíprocas na totalidade [...] (LUKÁCS, 2003, P.371-372, grifo do autor)

Na obra “A ideologia alemã”⁵ (redigida em 1845-46 e publicada somente em 1932, na União Soviética) Marx e Engels já haviam explicitado a concepção materialista assumida, ao afirmarem que os homens constroem suas idéias a partir da prática social concreta:

Os homens são produtores de suas representações, suas idéias, etc., mas os homens reais e ativos, tal como se acham condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde até chegar às suas formações mais amplas. A consciência jamais pode ser outra coisa que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real. (MARX; ENGELS, 1993, p. 36-37)

Tal aceção também foi destacada na obra “Miséria da Filosofia”, de 1847, obra em que Marx desenvolve de forma mais amadurecida seus pressupostos metodológicos:

Os mesmos homens que estabelecem as relações sociais de acordo com a sua produtividade material produzem também os princípios, as idéias, as categorias, de acordo com as suas relações sociais. Por isso, essas idéias, essas categorias, são tão pouco eternas como as relações que exprimem. São *produtos históricos e transitórios.* (MARX, 2001, p.98, grifo do autor)

Marx considera que o homem concreto constitui ao mesmo tempo o sujeito e o objeto da história: homem-objeto porque exteriorizado em ações e fatos; e homem-sujeito porque determina as ações e fatos. O concreto verdadeiro não reside no sensível, no imediato; o sensível é a primeira forma de abstração e é, também, o primeiro concreto. Representa a apreensão global, confusa, sincrética do real concreto, caracteriza-se como uma apreensão abstrata. Marx alerta que não podemos esquecer que o todo já existe na realidade objetiva antes de ser reproduzido no plano do pensamento. Com a limitação presente na identidade sujeito-objeto, o idealismo hegeliano não concebe a realidade independente da consciência.

⁵ A obra “A ideologia alemã” pode ser considerada uma ruptura definitiva e consciente com a filosofia feuerbachiana.

Quando em Hegel o espírito do mundo se torna artifice e demiurgo da história, verifica-se uma generalização mistificatória daquilo que era, no trabalho humano, a real compreensão de sua essência concreta. A ambigüidade da 'astúcia da razão' hegeliana [...] indica que seu senso da realidade foge do misticismo desenfreado que disto deriva, desta teologia cósmica que transcende o homem, mas indica também que ele não está em condições de compreender a dialética real que, a partir das aspirações particulares dos homens singulares e dos grupos, desenvolve a universalidade das modificações históricas das formações sociais que se sucedem. (LUKÁCS, 1978, p.48)

No materialismo, portanto, a compreensão do real se efetiva ao atingir, pelo pensamento, um conjunto amplo de relações, particularidades, detalhes que são captados numa totalidade. Se um objeto do pensamento é mantido isolado, ele se imobiliza no pensamento, é apenas uma abstração metafísica. Porém, a abstração é uma etapa intermediária que permite chegar ao concreto; dessa maneira, aquele que procura captar o real sem ter passado pela abstração não é capaz de captar o essencial, o concreto, mantém-se no superficial, no aparente. A aparência é um reflexo da essência, da realidade concreta; o reflexo é, pois, transitório, fugaz e pode ser facilmente negado, superado pela essência.⁶

a) A aparência, manifestação ou 'fenômeno', portanto, é apenas um aspecto da coisa, não a coisa inteira. Com relação à essência, o fenômeno é em si mesmo apenas uma abstração, um lado menos rico e menos complexo do que a coisa, um momento abstrato negado pela coisa. A coisa *difere* da aparência; e, com relação à aparência, a coisa é em si mesma diferença, negação, contradição. *Ela não é a aparência, mas sua negação.*

b) E, não obstante, a aparência está na coisa. A essência não existe fora de sua conexão com o universo, de suas interações com os outros seres. Cada uma dessas interações é um fenômeno, uma aparência. Em si, *a essência é apenas a totalidade das aparências; e a coisa é apenas a totalidade dos fenômenos.* E aqui, sob esse ângulo, a aparência 'aparece' como uma diferença cuja essência contém a unidade, a identidade. (LEFEBVRE, 1991, p.218-219, grifo do autor)

O objetivo de Marx, ao desenvolver o método materialista histórico-dialético, é apreender, desvelar

⁶ Importa sublinhar que o concreto-do-pensamento é o conhecimento e o concreto-realidade é o objeto do conhecimento.

a produção e transformação do ser social⁷ que se produz na forma do capital. Como destacamos, Marx afirma que se a realidade se mostrasse de forma imediata, seria desnecessário percorrer o processo de investigação científica para a apreensão e atuação sobre a realidade. Porém, a realidade fenomênica obscurece o real: "O fenômeno é, habitualmente, definido como o aspecto exterior, cambiante do objeto e que exprime sua essência. [...] O fenômeno é o conjunto dos aspectos exteriores, das propriedades, e é uma forma de manifestação da essência." (CHEPTULIN, 1982, p.277-278) Daí a importância do desvelamento da estrutura ontológica⁸ da realidade para que o conhecimento possa ser instrumento de uma práxis transformadora. Cheptulin (1982, p.279, grifo do autor) enfatiza que "o fenômeno não pode nunca ser 'como a essência', já que ele distingue-se sempre dela e, de uma forma ou de outra, a deforma. É por isso que a percepção dos fenômenos não nos fornece nunca um conhecimento verdadeiro da essência."

Para Lênin, a descoberta da concepção materialista da história eliminou dois problemas essenciais das teorias da história anteriores a Marx:

Em primeiro lugar, estas consideravam, no melhor dos casos, os móveis ideológicos da atividade histórica dos homens, sem investigar a origem desses móveis, sem apreender as leis objetivas que presidem ao desenvolvimento do sistema das relações sociais e sem descobrir as raízes dessas relações no grau de desenvolvimento da produção material. Em segundo lugar, as teorias anteriores não abarcavam precisamente a ação das *massas* da população, enquanto o materialismo histórico permite, pela primeira vez, estudar com a precisão das ciências naturais as condições sociais da vida das massas e as modificações dessas condições. (LÊNIN, 1977, p.11, grifo do autor)

Lênin ignora o caráter socialmente condicionado das ciências sociais por não distinguir metodologicamente as ciências da natureza das ciências da história. Contudo, a distinção metodológica entre as ciências da natureza e as ciências sociais não implica recair, no contexto da pesquisa social, numa abordagem relativista. Lowy (1978, p.29) esclarece que:

Para o relativismo [...] não há verdade objetiva, há várias verdades: a do proletariado, a da burguesia, a dos conservadores, a dos revolucionários,

⁷ O ser social é um conjunto de determinações contraditórias: base e superestrutura; forças produtivas e relações de produção; luta de classes, etc.

⁸ O campo ontológico trata do campo da práxis, constituindo o complexo de relações que formam a existência objetiva; o campo epistemológico é composto pelos processos e relações constitutivos da atividade de conhecimento em si mesma. (AUGUSTO, 1999)

cada uma igualmente verdadeira ou falsa. Caímos assim na célebre noite relativista onde todos os gatos são pardos, e acabamos por negar a possibilidade de um conhecimento objetivo.

Não partimos do pressuposto de que é possível estudar a ação das massas com a precisão das ciências naturais, conforme postula Lênin. Por isso, concordamos com o posicionamento de Lowy (1978, p.34):

[...] o ponto de vista do proletariado não é uma condição suficiente para o conhecimento da verdade objetiva, mas é o que oferece maior possibilidade de acesso a essa verdade. Isso porque a verdade é para o proletariado um meio de luta, uma arma indispensável para a revolução. As classes dominantes, a burguesia (e também os burocratas, num outro contexto) têm necessidade de mentiras para manter o seu poder. O proletariado tem necessidade da verdade[...]

O método marxiano aponta que é necessário partir do real, do concreto, da visão caótica do todo, e através de uma determinação mais precisa, através de uma análise, chegar a conceitos cada vez mais simples; do concreto figurado às abstrações cada vez mais delicadas, até atingir as determinações mais simples. "Partindo daqui, é necessário caminhar em sentido contrário até chegar finalmente de novo ao real, que não é mais a representação caótica de um todo, mas uma rica totalidade de determinações e de relações numerosas." (MARX, 2003, p.247) As categorias abstratas⁹ são relações mais simples, parciais; as categorias concretas são mais complexas, mais ricas. O desenvolvimento do pensamento se eleva do abstrato ao concreto, ou seja, do simples ao complexo.

O concreto é concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo unidade da diversidade. É por isso que ele é para o pensamento um processo de síntese, um resultado, e não um ponto de partida, apesar de ser o verdadeiro ponto de partida e portanto igualmente o ponto de partida da observação imediata e da representação. (MARX, 2003, p.248)

Kozik (2002), na sua obra "Dialética do Concreto", aponta que para a compreensão da "coisa em si", além de certo esforço, é necessário fazer também um *détour* a fim de que possamos superar o

mundo da *pseudoconcreticidade*¹⁰, já que este é, para ele, um "claro-escuro de verdade e engano". O autor explicita que é necessário conhecer a estrutura da coisa; sendo assim, é importante decompor o todo para poder reproduzir espiritualmente a sua estrutura e compreendê-la. O conhecimento se efetiva como separação de fenômeno e essência, do que é secundário e do que é essencial para evidenciar a coerência interna da coisa: "[...] por trás da aparência externa do fenômeno se desvenda a lei do fenômeno; por trás do movimento visível, o movimento real interno; por trás do fenômeno, a essência." (KOZIK, 2002, p.20)

O conceito é alcançado a partir da impressão sensível, do imediato, assim o pensamento que se eleva do imediato ao conceito nos aproxima do real. O imediato é ao mesmo tempo concreto, já que nos aproxima dele, e abstrato, pois as sensações apresentam apenas a superfície do mundo exterior. O pensamento dialético, portanto, distingue representação e conceito: a representação é um esquema abstrato da realidade, não capta a "coisa em si"; enquanto o conceito é a compreensão do real; a representação é o mundo da aparência e o conceito é o mundo da realidade. "O pensamento que destrói a pseudoconcreticidade para atingir a concreticidade é ao mesmo tempo um processo no curso do qual sob o mundo da aparência se desvenda o mundo real." (KOZIK, 2002, p.20)

Concreto e abstrato não podem ser separados; são dois aspectos solidários, duas características inseparáveis do conhecimento. Convertem-se incessantemente um no outro: o concreto determinado torna-se abstrato; e o abstrato aparece como concreto já conhecido. Penetrar no real é superar o imediato – o sensível – a fim de atingir conhecimentos mediatos, através da inteligência e da razão. O empirismo tem razão ao pensar que se deve partir do sensível, mas erra quando nega que seja necessário superar o sensível; o racionalismo tem razão em crer nas 'idéias', mas erra ao substancializá-las metafisicamente, situando-as fora do real que elas conhecem. (LE-FEBVRE, 1991, p.111-112)

Os conceitos científicos também são abstrações, mas abstrações que penetram na essência, daí se configuram como conceitos concretos. "O *ser abstrato* [...] e a *essência* são inerentes ao conceito; são seus *graus*, seus *momentos*. Na lógica concreta (dialética), o conceito vem após o ser abstrato e a

⁹ Nesse entendimento, as categorias abstratas representam as apreensões do específico, do singular, da parte e sua mediação com a totalidade mais ampla, cuja relação permitirá chegar às categorias concretas, ou seja, à apreensão das contradições, das questões fundamentais que estruturam o fenômeno investigado.

¹⁰ Para Kozik (2002, p.15), o mundo da pseudoconcreticidade é constituído: pelo mundo dos fenômenos externos; pelo mundo do tráfico e da manipulação, ou seja, da práxis fetichizada dos homens; pelo mundo das representações comuns; pelo mundo dos objetos fixados que não são reconhecíveis como resultados da atividade social dos homens.

essência, no grau superior.” (LEFEBVRE, 1991, p.223, grifo do autor)

A prática, o ser (abstrato) e a essência são momentos do conceito; assim, todo ser determinado é um ser *singular* e, para se chegar ao conceito, é necessário estabelecer a conexão dialética entre *singular* e *universal*. Nessa conexão surge o papel do *particular* como mediador entre o *universal* e o *singular*. O *particular* é o ponto de partida do pensamento para chegar ao *universal*, bem como para explicar o *singular*. Portanto, para a formação de conceitos que penetrem além do sensível aparente é necessário estabelecer a conexão dialética entre o *universal*, o *particular* e o *singular*. A particularidade é uma categoria historicizante que possibilita a compreensão de outros aspectos do real, já que está no âmbito das mediações.

Quanto mais autêntica e profundamente os nexos da realidade, suas leis e contradições, vierem concebidos – de um modo aproximadamente adequado – sob a forma da universalidade, tanto mais concreta, dúctil e exatamente poderá ser compreendido também o singular. A imensa superioridade do marxismo-leninismo sobre qualquer teoria burguesa se baseia, entre outras coisas não mais importantes, sobre esta ininterrupta utilização das leis da unidade dialética e do caráter contraditório na relação de singularidade, particularidade e universalidade. Quem estuda as grandes análises históricas dos clássicos do marxismo-leninismo, suas explicações teóricas de etapas decisivas e de reviravoltas históricas, encontrará sempre a elaboração e a aplicação desta dialética. (LUKÁCS, 1978, p.104)

Complementando essa análise, Lukács (1978, p.93) destaca que a dialética entre universal e particular é muito importante, na medida em que o particular é a expressão lógica das categorias de mediação entre os homens singulares e a sociedade. Desse modo, a relação entre singular e universal é sempre mediatizada pelo particular, “ele é um membro intermediário real, tanto na realidade objetiva quanto no pensamento que a reflete de um modo aproximadamente adequado.” (LUKÁCS, 1978, p.112)

Mesmo que a finalidade do conhecimento científico seja a investigação do caso singular, esta fundamental estrutura do reflexo não se altera. Em seu devido lugar, chamamos a atenção para o fato de que este retorno do universal ao singular – que não se confunde com um isolamento positivista de singularidade frequentemente exteriores ou mesmo insignificantes – só pode produzir frutos científicos se cada singular for conhecido conjunta-

mente com as leis que o põem em relação com a universalidade que o compreende e com as particularidades intermediárias. (LUKÁCS, 1978, p.183)

Tais categorias são fundamentais na pesquisa, pois possibilitam compreender o objeto nas suas articulações entre as dimensões macro e micro, contribuindo para que o pesquisador não se limite a apreender o fenômeno investigado de maneira contingencial, bem como para demonstrar que pesquisas desenvolvidas numa perspectiva marxiana não são macro-teorizações. Lênin também contribui na compreensão dessa questão, ao afirmar que:

[...] os opostos (o singular é o oposto do universal) são idênticos: o singular não existe senão em sua relação com o universal. O universal só existe no singular, através do singular. Todo singular é (de um modo ou de outro) universal. Todo universal é (partícula ou aspecto, ou essência) do singular. Todo universal abarca, apenas de um modo aproximado, todos os objetos singulares. Todo singular faz parte, incompletamente, do universal, etc. Todo singular está ligado, por meio de milhares de transições, aos singulares de um outro gênero (objetos, fenômenos, processos), etc. *Já aqui* há elementos, germes, do conceito da *necessidade*, da relação objetiva na natureza, etc. O casual e o necessário, o fenômeno e a essência, já se encontra aqui [...] (LÊNIN, citado por LUKÁCS, 1978, p. 109, grifo do autor)

Marx afirma que o estudo da essência de determinado fenômeno se dá pela análise da forma mais desenvolvida alcançada por tal fenômeno. Contudo, a essência do fenômeno não se apresenta ao pesquisador imediatamente, por isso é necessário realizar a mediação pelo processo de análise, que se caracteriza como abstração. Desse modo, o método é dialético, pois a apropriação do concreto pelo pensamento científico se dá pelo complexo de mediações teóricas abstratas para se chegar à essência do real, e é materialista porque o conhecimento científico se constrói pela apropriação da essência da realidade objetiva.

A sociedade burguesa é a organização histórica mais desenvolvida, mais diferenciada da produção. As categorias que exprimem suas relações, a compreensão de sua própria articulação, permitem penetrar na articulação e nas relações de produção de todas as formas de sociedades desaparecidas, sobre cujas ruínas e elementos se acha edificada, e cujos vestígios, não ultrapassados ainda, leva de arrastão, desenvolvendo tudo que fora antes apenas indicado que toma assim toda a sua significação etc. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco. O que nas espécies animais inferiores indica uma

forma superior não pode, ao contrário, ser compreendido senão quando se conhece a forma superior. A economia burguesa fornece a chave da economia da antigüidade etc. Porém, não conforme o método dos economistas que fazem desaparecer todas as diferenças históricas e vêem a forma burguesa em todas as formas de sociedade. (MARX, 1978, p. 120)

Marx procura demonstrar "que a pesquisa deve partir da fase mais desenvolvida do objeto investigado para então analisar sua gênese e, depois da análise dessa gênese, retornar ao ponto de partida, isto é, à fase mais evoluída, agora compreendida de forma ainda mais concreta, iluminada pela análise histórica" (DUARTE, 2000, p.102)

Engels, ao publicar "Anti-Dühring"¹¹, em 1878, combate as idéias do reformador socialista Eugen Dühring e, no prefácio da segunda edição, destaca: "assim, a crítica negativa resultou positiva; a polêmica transformou-se em exposição mais ou menos coerente do método dialético e da ideologia comunista defendida por Marx e por mim, numa série de domínios bastante vastos." (ENGELS, 1990, p. 9)

Apoiado por Marx, que em seus últimos anos de vida tentava finalizar a obra "O Capital", Engels não só contribuiu para a compreensão do método marxiano, como passou a refletir e escrever sobre as leis gerais da dialética:

- lei da passagem da quantidade à qualidade;
- lei da interpenetração dos contrários;
- lei da negação da negação.

A primeira lei enfatiza que todo processo de transformação se dá de forma lenta e em diferentes ritmos; modificações quantitativas lentas podem gerar alterações qualitativas. Ocorre uma intensificação das contradições que levam a uma modificação brusca (modificações radicais, "saltos").

A segunda lei demonstra que os diferentes aspectos da realidade se entrelaçam, promovendo a inclusão dos aspectos contraditórios. "O método dialético busca captar a ligação, a unidade, o movimento que engendra os contraditórios, que os opõe, que faz com que se choquem, que os quebra ou os supera." (LEFEBVRE, 1991, p.238)

A terceira lei explicita que o movimento geral da realidade não se restringe às contradições permanentes, ou seja, o conflito entre teses e antíteses não é eterno:

[...] em dialética, o caráter da negação obedece, em primeiro lugar, à natureza geral do processo e, em segundo lugar, à sua natureza específica. Não se trata apenas de negar, mas de anular novamente a negação. Assim, a primeira negação será de tal natureza que torne possível ou permita que seja novamente possível a segunda negação. (ENGELS, 1990, p. 121)

A afirmação gera a sua negação, contudo a negação não se perpetua, pois tanto a afirmação quanto a negação são superadas, gerando uma síntese que se constitui como negação da negação: "Da negação recíproca, surge a 'negação da negação': a *superação*." (LEFEBVRE, 1991, p.231, grifo do autor)

Engels, em "Anti-Dühring", destaca a dissolução da rigidez dos conceitos e dos objetos que lhes correspondem, passagem contínua de uma determinação a outra, permanente superação dos contrários, substituição da causalidade unilateral e rígida pela interação recíproca. Porém, Lukács (2003) aponta que tais determinações da dialética nada significam sem a consideração da relação entre sujeito e objeto no processo da história.

A busca pelas determinações e articulações que possibilitam a compreensão do real e que possibilitam a construção de totalidades sociais é adequada na medida em que o uso da categoria totalidade não esbarra em distorções:

Uma é a aproximação semântica com totalitarismo, de esquerda ou de direita, evocado, justamente, como um cerceamento absoluto à dignidade humana. Outra dificuldade é a compreensão equivocada de que totalidade tem o sentido de tudo, o que inviabiliza um processo sério de conhecimento. No sentido marxiano, a totalidade é um conjunto de fatos articulados ou o contexto de um objeto com suas múltiplas relações ou, ainda, um todo estruturado que se desenvolve e se cria como produção social do homem. (CIAVATTA, 2001, p.123)

O presente estudo apresentou os fundamentos centrais do método marxiano com a intencionalidade de explicitar os elementos que constituem um processo de pesquisa demarcado por essa concepção metodológica. O descuido em relação ao corpo teórico adotado na pesquisa pode conduzir ao desenvolvimento de estudos caracterizados pelo ecletismo, relativismo, subjetivismo, empirismo, pragmatismo, entre outras conseqüências que não contribuem para a apreensão do real e, muito menos, para uma possível transformação deste. Especial-

¹¹ A interpretação elaborada por Lukács, em "História e consciência de classe", acusa Engels de ter deixado de investigar os momentos e determinações que fazem da teoria, do método dialético, o veículo da revolução.

mente a abordagem relativista e a (neo) pragmatista estão muito presentes no campo da pesquisa em educação. Os relativistas assumem uma atitude de suspeição em relação à ciência, ao negarem o valor de verdade ao conhecimento científico. Desse modo, o que é real e verdadeiro para um grupo social não é para outro, por isso todos os discursos, todas as crenças são válidas. Os pragmatistas justificam a ciência pela sua eficácia prática, o que demonstra o quanto essas concepções podem impedir o desenvolvimento de pesquisas que realmente viabilizem uma apreensão crítica da realidade.

Todavia, o método não pode servir para fazer com que a realidade se “encaixe” nele como uma camisa de força que permite apenas alguns movimentos controlados; ao contrário, tem o papel de dar sentido e validade explicativa ao objeto da pesquisa. A opção por uma concepção metodológica demonstra a posição do pesquisador diante da realidade e sua pesquisa revelará uma determinada visão de mundo e os elementos que contribuirão para a legitimação ou transformação do real.

Referências

1. ALTHUSSER, L. **Análise crítica da teoria marxista**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
2. AUGUSTO, A. G. Ontologia e crítica: o método em Marx. **Econômica**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.131-142, dez.1999.



Detalhe do túmulo de K. Marx

3. CHEPTULIN, A. **A dialética materialista: categorias e leis da dialética**. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.
4. CIAVATTA, M. O conhecimento histórico e o problema teórico-metodológico das mediações. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. (Orgs.). **Teoria e educação no labirinto do capital**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. cap.6. p.121-144.
5. DUARTE, N. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: a dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. **Educação e Sociedade**, v.21, n.71, Campinas, jul.2000, p.79-115.
6. ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
7. FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, I. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2001.
8. KOZIK, K. **Dialética do concreto**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
9. LEFEBVRE, H. **Lógica formal Lógica dialética**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
10. LÊNIN, V. I. **Obras escolhidas**. v.1. Lisboa: Avante, 1977.
11. LOWY, M. **Método dialético e teoria política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
12. LUKÁCS, G. **Introdução a uma estética marxista: sobre a categoria da particularidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
13. _____. **História e consciência de classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
14. MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 9. ed. São Paulo: HUCITEC, 1993.
15. MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
16. _____. **Miséria da Filosofia: resposta à filosofia da miséria do senhor Proudhon**. São Paulo: Centauro, 2001.
17. _____. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

18. _____. **O Capital**. v. 1. 16. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

19. MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

20. SCHAEFER, S. **A lógica dialética**: um estudo da obra filosófica de Caio Prado Júnior. Porto Alegre: Movimento, 1985.

Recebido em 08/10/2007

Aceito para publicação em 19/12/2007